

Reflexões do personagem Hermano Brat

Horácio Dídimo

Todos os personagens são irmãos.

Adelphos Bruder

Personagens de todos os mundos, uni-vos!

“AH Chaqiq

Confesso que sou um autêntico personagem.

Genuíno Selbst

Todos nós somos iguais: uns menos, outros mais

Walter Rego

O meu nome é Hermano Brat. Sou um personagem. Talvez vários. Mas não quero explicar nada. No meu caso as explicações seriam superficiais ou extemporâneas. Vivo nos fusos policrônicos da transrealidade onde constato que todos os personagens são irmãos. Ninguém me expulsará daqui, nem mesmo o *blade runner* Baudrillard.

Navego num mar textual difuso, ao largo de indistintos e obscuros faróis. As águas são periodicamente revolvidas por Derrida, o anjo disseminador. Em terra firme a lógica do sentido continua sendo triturada pelo moleiro Deleuze.

Sim, sei que o mutante Borges criava os seus próprios precursores. Talvez um dia eu também possa autografar os meus autores preferidos e preteridos. Não tenho medo de Baudrillard. Os andróides é que são os verdadeiros homens e as ginóides as verdadeiras mulheres. Os andros e as ginas. As pessoas, principalmente as pessoas dos autores e dos atores, são simulacros de seus pretensos personagens.

A tão propalada realidade não passa de uma paródia dos pastiches daquilo que eles chamam insidiosamente de hiper-reali-

dade. Repito que não tenho medo de Baudrillard *et caterva*. Desfazemos o equívoco das imagens reversivas. Para os gatos pardos todos os dias são noites. Cada mania, diz Genuíno Selbst, tem seu doido de estimação.

Antigamente havia um monge chamado Platão, que morava numa caverna cheia de sombras como um *film noir*. Foi lá que os espeleólogos do futuro encontraram Batman. Depois da descoberta Baudrillard viajou para a América onde aperfeiçou a máquina de Voight-Kampff, destinada a captar os sinais da hiper-realidade e capturar os super-andróides voadores. A máquina é uma espécie de caixa-preta que funciona sobre almofadas antigravitacionais, criando holograficamente um espaço-tempo pentadimensional, classificado por Baudrillard como *utopia realizada* e por Umberto Eco como *irrealidade cotidiana*.

Digitam se palavras chaves como América ou nomes suspeitos como o nome da rosa e o diagnóstico sai implacavelmente, disfarçado em oxímoros ou rótulos publicitários. Está certo, estou sendo um pouco exagerado. A verdade fere, mas é inaudível como um tiro no tímpano. O simulacro perfeito não deveria nunca ser desmascarado. Porque hoje são as faces que cobrem as máscaras. Arrancadas as máscaras os rostos se despedaçam. Ah ah ah ah - exclama a gargalhada engarrafada. Vocês se lembram como ficou desfigurado na praia o rosto de areia do *homo foucaultensis*, depois da separação das palavras e das coisas.

Vocês digitam as palavras *riso* e *televisão*, apertam a tecla B (de Baudrillard) e sai:

O riso na televisão americana substituiu o coro da tragédia grega. É inexorável e não poupa nada, com exceção dos noticiários, da Bolsa e do boletim meteorológico.

É o monstro de Alien que vagueia em todos os circuitos do foguete.

Em outros países, deixa-se ao espectador a iniciativa do riso. Aqui o riso é levado à tela, é integrado ao espetáculo, é a tela que ri, é ela que se diverte. Para nós apenas resta a consternação. (1)

Para mim Baudrillard é a reencarnação do monstro de Tocqueville e Eco é parente daquele papagaio semiótico que contou a história de Macunaína. O que não admira nem provavelmente consternará, diria Brás Cubas, um dos criadores de Machado de Assis, é que a máquina de Voight-Kampff possa também detectar e etiquetar as cem principais personalidades que hiper-realizaram a

América de hoje. Vocês digitam América e século XX, apertam a tecla L (do LIFE) e eis o que aparece na hiperlíngua:

Malcolm X: his rage fueled que black power movement.

Joseph R. McCarthy: the senator who saw red and scared a nation.

J. Robert Oppenheimer: disillusioned "father of the A-bomb".

Alfred Stieglitz: a photographer who gave us a new vision .

Allen Dulles: the spymaster whose agency centralized intelligence.

Myron Krueger: computer wizard and godfather of artificial reality.

Elizabeth Arden: she made beauty a business — and an obsession.

Smith Corona: tomorrow's technology at your touch.

Canon Personal Copiers: nothing but originals.

Andy Warhol: the pop star blazed for a lot longer than 15 minutes.

Ray Kree: a king of burgers standardized munchies for the masses.

Joyce C. Hall: builder of a house of cards with a sentiment for every occasion.

Virginia Slims: because women are equal, but not the same.

Surgeons General's Warning: smoking causes lung cancer, heart disease, emphysema, and may complicate pregnancy.

Willem Kolff: the physician-mechanic founded bionics. (2)

Agora vocês podem digitar América e realidade. Tecla B:

A América não é um sonho nem uma realidade; é uma hiper-realidade. É uma hiper-realidade porque é uma utopia que desde o começo foi vivida como realizada. Tudo aqui é real, pragmático, e tudo nos deixa sonhadores. É possível que a verdade da América só possa aparecer a um europeu, pois só este encontra aqui o simulacro perfeito, o da imanência e da transcrição material de todos os valores. (3)

Prossigam na tecla E (de Eco):

Eis a razão desta nossa viagem pela hiper-realidade, à procura dos casos em que a imaginação norte-americana deseja a coisa verdadeira e para atingi-la deve realizar o falso absoluto. (4)

A tecla B e a tecla E dialogam como verdadeiros personagens.
Tecla B:

A América é um gigantesco holograma, no sentido em que a informação total está contida em cada um dos elementos.

O holograma está próximo do fantasma, é um sonho tridimensional e pode-se ingressar nele como um sonho. (5)

A tecla E comenta:

A holografia só podia prosperar nos Estados Unidos, um país obcecado pelo realismo onde, para que uma reevocação seja crível, deve ser absolutamente icônica, cópia semelhante, ilusoriamente “verdadeira”, realidade representada. (6)

Vejam vocês como eles são perspicazes. Só não percebem que produzem imagens invertidas, revertidas, divertidas. Nós, os personagens, os andróides, os desenhos animados é que somos os criadores, os autores, os instauradores, os fundadores. Eles é que são nossos hologramas, nossos fantasmas, nossos simulacros. Ah ah ah ah – exclama a nossa gargalhada engarrafada. A Hiperamérica é a verdadeira América. As ecografias, o efeito Baudrillard e a máquina de Voight-Kampff apenas constatarão o grande despertar dos personagens. Quem não se transformar em personagem não sobreviverá.

Um dia Deleuze explicou ao Homem-Aranha o seguinte:

É neste sentido que Platão divide em dois o domínio das imagens-ídeos: de um lado as cópias-ícones, de outro os simulacros-fantasmas. Podemos então definir melhor o conjunto da motivação platônica: trata-se de selecionar os pretendentes, distinguindo as boas das más cópias ou antes as cópias sempre bem fundadas e os simulacros sempre submersos na dessemelhança. Trata-se de assegurar o triunfo das cópias sobre os simulacros, de

recalcar os simulacros, de mantê-los encadeados no fundo, de impedi-los de subir à superfície e de se “insinuar” por toda parte. (7)

Reconheço, para o meu próprio bem, que sou um sujeitinho fragmentário, uma maquinaria desejan-te, um pós-personagem. Mário de Andrade disse uma vez que era trezentos, que era trezentos e cinquenta. O nome do verdadeiro Fernando Pessoa era Fernando Personagem ele-mesmo. Descobri que Genuíno Selbst é aquele anãozinho que tanto fez, tanto fez, que uma estrela azul brilhou no céu pela primeira vez. Walter Rego, por outro lado, é o avestruz que pensava com seus botões, procurando um meio de comê-los.

Tecla E:

Para falar de coisas que se pretende conotar como verdadeiras, essas coisas devem parecer verdadeiras. O “todo verdadeiro” identifica-se com o “todo falso”. A irrealdade absoluta se oferece como presença real. (8)

Tecla B:

O que é preciso é entrar na ficção da América, na América como ficção. É nessa condição, aliás, que ela domina o mundo. (9)

Os americanos lutam com duas armas essenciais: a aviação e a informação. Ou seja, o bombardeio físico do inimigo e o bombardeio eletrônico do resto do mundo. (10)

O meu nome é Hermano Brat, por causa de antepassados espanhóis e russos. Mas poderia ser greco-germânico como Adelphos Bruder ou judeu-árabe como ‘Ah Chaiq. Afinal somos todos irmãos. Prefiro, entretanto, usar o pseudônimo Horácio Dídimo, pela sua multiplicidade. Horácio é um nome triplo, porque se refere aos três Horácios que lutaram contra os três Curiácios; Dídimo é um nome duplo, que significa gêmeo. Então, como pós-personagem, sou no mínimo quádruplo. Baudrillard não me captará nem capturará. Esta digressão se deve ao meu ímpeto classificatório. Ainda usarei o pseudônimo de Martius Linneu. Não nego que sou um taxiômano, um geneticista, um logólogo. A taxionomia chinesa de Borges que tanto fascinou Foucault também me fascina. Assim, nós, os personagens, também nos dividimos em:

a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães

em liberdade, h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel muito fino de pelo de camelo, l) et cetera, m) que acabam de quebrar a bilha, n) que de longe parecem moscas. (11)

Os autores são aparentemente imperadores dos textos. Aham que todos os personagens lhes pertencem. Mas não é isto o que está escrito na Declaração dos Direitos dos Personagens. Na verdade todos os autores dependem de nós. São todos metapersonagens, isto é, personagens de seus “próprios” personagens. O autor-imperador é sempre um impostor. O verdadeiro imperador do texto é o personagem. Os personagens pertencentes ao imperador são, portanto, os metapersonagens, isto é, os autores. Vale acrescentar que há personagens-imperadores e imperadores-personagens. Os últimos se dividem em embalsamados, como Ramsés II, e domesticados, como Pu Yi, o último imperador da China.

Cristóvão Baudrillard pensa que descobriu a Hiperamérica e que será o imperador os hiperamericanos como Macunaíma foi imperador das icamiabas. Mas os super-andróides voadores, liderados pelo Super-Homem, certamente o domesticarão e embalsamarão seus restos textuais no Movieland Wax Museum de Los Angeles.

Voltemos à nossa taxiomaquia.

O mais importante dos personagens-leitões é sem dúvida o Marquês de Rabicó. As mais famosas personagens-sereias, as gregas, foram recentemente contratadas por Jayme Monjardim para a Rede Manchete. Personagens fabulosos são também as fábulas fabulosas de Millôr Fernandes. Os cães em liberdade são muitos: Lassie, Rintintin, Snoopy, Pateta, Pluto, Scubidu, Bionício, Bidu e Bugu, a cachorra Baleia, os Colegas, o Ulisses da Clarice, etc., etc. Os personagens et cetera são os mesmos personagens inumeráveis, quando não acabam nunca de passar. Lá vem o cachorro Quincas Borba. O anãozinho e o avestruz estão também incluídos na presente classificação. George Saddam e Hussein Bush se agitam como loucos. Os personagens desenhados com um pincel muito fino de pelo de camelo são aqueles que pretendem se salvar passando pelo fundo de uma agulha. Não confundir aqueles que acabam de quebrar a bilha, como a moça leiteira da fábula de La Fontaine, com aqueles que não precisam trocar a pilha, como o Lampadinha, do Prof. Pardal. Não confundir também aqueles que de longe parecem moscas (flies), como o cientista que virou Homem-Mosca em 1958 e 1986, com aqueles que de longe parecem moças, como o desenho Jessica, esposa de Roger Rabbit. Há também as moscas que de longe parecem personagens, como

as moscas artificiais encomendadas por Iran, esposa de Rick Deckard, o verdadeiro *blade runner*.

Junto a ela o sapo elétrico batia e arranhava em sua caixa. Perguntou-se o que seria que ele "comia" e quanto custariam concertos seus. Moscas artificiais, decidiu. Abrindo o catálogo telefônico, procurou nas páginas amarelas sob acessórios para animais elétricos. Discou, e quando o vendedor respondeu, disse:

- Eu gostaria de encomendar mio quilos de moscas artificiais que sejam capazes de voar e zumbir, por favor.

- É para uma tartaruga elétrica, madame?

- Um sapo - disse ela.

- Neste caso sugiro nosso sortimento misto de insetos artificiais rastejadores e voadores de todos os tipos, incluindo...

- As moscas são suficientes

- disse Iran. - Quando poderá entregá-las? (12)

A máquina de Voight-Kampff é um sapo elétrico que engole apenas moscas artificiais, isto é, falsos personagens. Não afetará nossa ucronia desrealizada, nossa taxioscopia transreal. Um dia ela engolirá inevitavelmente o próprio Baudrillard. E poderá engolir também vocês todos, principalmente se vocês forem... ELES.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) BAUDRILLARD, Jean. *América*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Rocco, 1986, p. 43, 44.
- (2) LIFE, Autumm 1990.
- (3) BAUDRILLARD, op. cit., p. 26.
- (4) ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 14.
- (5) BAUDRILLARD, op. cit., p. 27.
- (6) ECO, op. cit., p. 10.
- (7) DELEUZE, Giles. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo, Perspectiva, 1974, p. 262.

- (8) ECO, op. cit., p. 13.
- (9) BAUDRILLARD, op. cit., p. 26.
- (10) BAUDRILLARD, op. cit., p. 44.
- (11) FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Tannus Muchil. 4ªed. São Paulo, Martins Fontes, 1987, p. 5.
- (12) DICK, Philip K. *O caçador de andróides*. Trad. Ruy Jungman. 3ªed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988, p. 264. FRANCISCO MARIALVA MONT'ALVERNE FROTA